

# Sarney diz que "na marra" ninguém o tira do governo

BRASÍLIA — "Se eu tivesse um outro temperamento, ficava seis anos no governo e quero ver quem ia me tirar. Ninguém tirava, até porque na marra ninguém vai conseguir tirar. Na marra eu não vou sair." Aparentando tranquilidade, embora a contundente declaração segerisse o contrário, o presidente José Sarney disse ao *JORNAL DO BRASIL*, em viagem do Rio de Janeiro para Brasília, que considera a questão da duração de seu mandato "assunto decidido" e que vai ficar no Palácio do Planalto até completar os cinco anos de governo.

"Eu não tenho mais expectativas em relação a este assunto desde que se votou o mandato de

cinco anos para os presidentes da República", explicou Sarney. O presidente invocou razões de Estado para argumentar que a fixação de seu mandato não é uma questão pessoal: "Eu não quero isso para mim, é para o país poder funcionar".

Sarney recapitulou sua interpretação dos fatos ligados à duração do mandato conferido a Tancredo Neves: "É preciso ficar claro que eu abri mão de um ano de mandato, e não o contrário. Algumas pessoas falam como se eu estivesse lutando por mais um ano de mandato, quando na verdade não é nada disso. Meu mandato era de seis anos e eu estou abrindo mão de um ano. A realidade é essa."

## Segurança cerca solenidade

Um esquema de segurança de mil homens cercou a visita do presidente José Sarney ao Rio para as comemorações do Dia da Vitória, no Monumento aos Pracinhas, no Aterro do Flamengo. Sarney, que veio acompanhado dos três ministros militares, Leônidas Pires Gonçalves (Exército), Otávio Moreira Lima (Aeronáutica) e Henrique Saboya (Marinha), do chefe do Gabinete Militar, Rubem Bayma Denys, do chefe do SNI, Ivan de Souza Mendes, do chefe do Emfa, brigadeiro Paulo Roberto Camarinho, passou duas horas no Rio e voltou para Brasília 45 minutos antes do previsto pela programação oficial.

Foi a primeira vez que o Batalhão de Choque da PM integrou o corpo de segurança da Presidência da República para esta solenidade, com mais de 300 guardas colocados ao longo das pistas do Aterro do Flamengo para impedir a aproximação de pessoas sem convites. Os curiosos ficaram a grande distância do monumento, onde ocorriam as festividades dos 43 anos da vitória das Forças Aliadas sobre os nazifascistas na II Guerra Mundial. Além do Batalhão de Choque, a Polícia Militar enviou centenas de soldados que se juntaram a policiais civis e federais e do Batalhão de Guardas da Polícia do Exército, e formaram largo *anel* de segurança em torno da área do monumento.

A Avenida Brasil foi interditada na altura de Bonsucesso para a passagem da comitiva presidencial. Sobre cada passarela da avenida havia guardas. Na volta à Base Aérea do Galeão, Sarney utilizou o ônibus presidencial. Antes da cerimônia, policiais retiraram um

faixa estendida em frente do monumento em que militares punidos pelo golpe militar de 64 pediam anistia.

**Dia das Mães** — Durante os 40 minutos em que presidiu a solenidade, que começou às 10h, Sarney passou em revista a guarda de honra das três Forças, colocou uma palma de flores no túmulo do soldado desconhecido e ouviu a leitura de ordem do dia assinada pelos três ministros militares.

O presidente não falou de política, apenas cumprimentou "as mães do Brasil". Disse que daria de presente à mãe, dona Kiola, "o carinho que tenho dado a vida inteira". E completou: "Quem não é bom filho não vai prestar para muita coisa". Na Base Aérea do Galeão, esperavam Sarney o governador Moreira Franco e os três comandantes militares da área. Quatro deputados do *Centrão*, Nelson Sabrá (PFL), Roberto Jefferson (PTB), Arolde de Oliveira (PL) e Gustavo de Faria (PMDB), vieram com o presidente no avião. Moreira Franco disse que conversou com o presidente sobre o Dia da Vitória e o empréstimo para o estado do Banco Mundial.

O desfile dos ex-pracinhas da Força Expedicionária Brasileira e de contingentes da Marinha, Exército e Aeronáutica encerrou a cerimônia, depois que cinco caças da Base Aérea de Santa Cruz deram vôo rasante sobre o monumento, assustando os convidados. Estavam presentes os secretários estaduais de Polícia Civil, Hélio Saboya, e de Justiça, Tércio Lins e Silva, o vice-governador Francisco Amaral e o prefeito em exercício do Rio, Jô Rezende.



Riguroso esquema protegeu Sarney na cerimônia do Aterro do Flamengo

Olavo Rufino

## Freada de ônibus assusta comitiva

BRASÍLIA — Apesar de toda a preocupação com a segurança que existe nas viagens de um presidente da República, alguns erros às vezes comprometem o esquema. No início da tarde de ontem, quando voltava da solenidade em memória aos mortos da II Guerra Mundial, no Aterro do Flamengo, o ônibus presidencial por pouco não bateu em outro ônibus que parou repentinamente na frente da comitiva. Ao sair do Aterro pela Avenida General Justo para pegar a Perimetral, o motorista do ônibus presidencial foi obrigado a dar brusca freada, que, além de assustar os passageiros, chegou a jogar no chão o quepe de um militar que integrava a comitiva.

Com Sarney — que para ir da Base Aérea do Galeão ao Aterro usou um Galaxie —, viajaram no ônibus presidencial o governador Moreira Franco, os ministros Bayma Denys (chefe do Gabinete Militar) e Ivan de Souza Mendes (chefe do SNI) e outras autoridades. Segundo pessoas que estavam no ônibus, os motociclistas batedores da política falharam: não determinaram, como mandam as regras, que o ônibus de passageiros saísse da frente para a comitiva do presidente passar. Antes de começar a subida do viaduto, o ônibus parou para pegar passageiros, dando um susto na comitiva do presidente.

No dia 25 de junho de 1987 a segurança já permitira que uma pessoa atingisse a janela do ônibus do presidente com uma picareta, após solenidade no Paço Imperial, no Rio de Janeiro. Alheio a este problema, o presidente José Sarney estava tranquilo, comportamento que vem mantendo desde que fez exames de saúde no Instituto do Coração. No sábado, quando voltou de São Paulo, Sarney chegou a sentar-se na cadeira do co-piloto do Boeing presidencial e "ajudou" a dirigir o 737-300, apesar de não ter brevê.

Ontem, ele passou a viagem conversando com os generais Denys e Ivan e, antes de pousar, sobrevoando os arredores de Brasília, localizou seu sítio São José do Pericumã. "Quando cheguei aqui, o cerrado não produzia rigorosamente nada.